

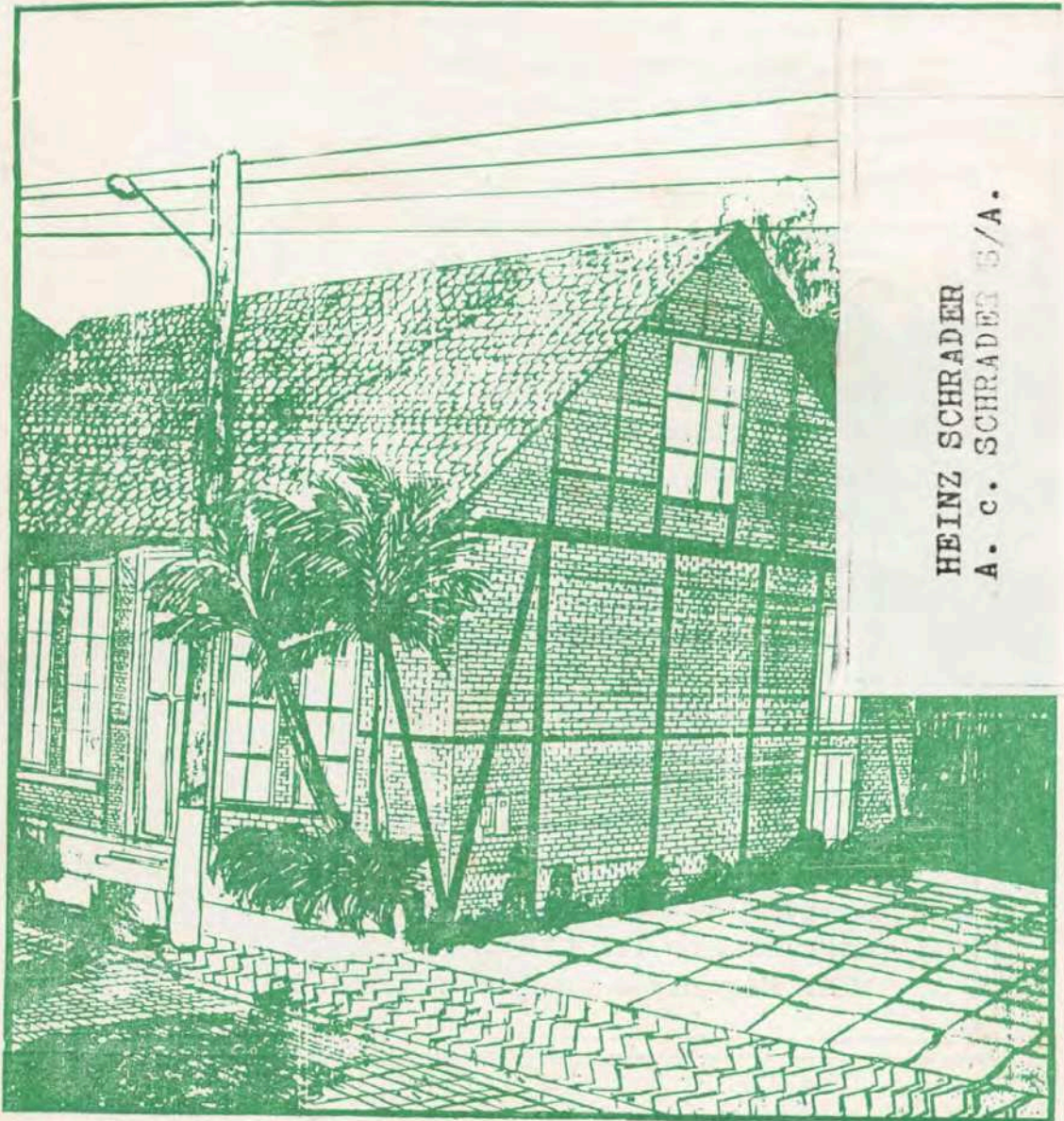
Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

Junho de 1991

Nº. 6

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



HEINZ SCHRADER
A. C. SCHRADER S/A.

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Junho de 1991

Nº. 6

SUMÁRIO

Página

Reminiscências - Frei Bruno (ofm) - José Gonçalves	162
Écos da visita do prefeito Sasse à Alemanha	164
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (II) - Pe. Antônio F. Bohn	165
Figura do Presente - Joaquim Florani	169
Imigração/Colonização - Questão Racial ou Questão Política?	171
Reparos que tornam necessários nas pesquisas históricas do Pe. F. Bohn - Por João de Azeredo Coutinho	173
A Europa e a unificação da Alemanha	179
Autores Catarinenses - Enéas Athanázio	180
O Padre Bento Barbosa de Sá Freire - Antônio Roberto Nascimento ..	183
Subsídios Históricos - Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff..	183
Sengés - Hermes Justino Patrianova	185
Um pouco da história de Apiúna - M. Deretti	186
Centro Cultural 25 de Julho, há 37 anos preservando memórias e tradições	187
Aconteceu... Maio de 1991	189

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 5.000,00

Número avulso Cr\$ 300,00 — Atrasado Cr\$ 500,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 10.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

FREI BRUNO (ofm)

Ao tomar conhecimento da conclusão dos trabalhos de reforma da Igreja Matriz de São Francisco de Assis de Rodeio, vieram-me à lembrança alguns fatos relacionados com aquele antigo seminário e, em especial, com uma das figuras mais admiráveis que conheci, quando menino, e que foi Frei Bruno, então vigário daquela paróquia.

Essas recordações tão agradáveis, me fazem ver, pelo espelho de minha mente, as imagens retiradas dali e projetadas através do meu consciente e me parece estar vendo à minha frente, aquele homem vestindo os pesados hábitos de sacerdote, de rosto longo e magro, com altura de cerca de um metro e oitenta e cinco centímetros, tez moreno-claro, nariz pontiagudo, formando, como um contraste, uma fisionomia final das mais simpáticas e afáveis.

Assim era Frei Bruno, o vigário da paróquia de Rodeio, saindo da década de 1920 e entrando na de 1930.

Frei Bruno era um sacerdote na acepção da palavra. Para ele não havia hora nem lugar, não havia sacrifícios que o impedisse de levar uma palavra de fé e de conforto a um moribundo, estivesse este aonde estivesse, mesmo que nos mais distantes lugares da abrangência de sua paróquia. Ao ser chamado, montava seu jumento e partia, fosse de dia ou à noite, houvesse sol ou estivesse chovendo.

Lembro-me bem de várias passagens da vida de Frei Bruno, relacionadas com minha família, especialmente meu pai. Sempre que Frei Bruno passava pela localidade de Diamante, aonde residíamos e lá meu pai era balseiro, o sacerdote nos visitava, embora que rapidamente, o tempo suficiente para tomar um cafezinho preparado com muito carinho por minha mãe, com o café que colhíamos no cafezal existente nos fundos de nossa casa. Os grãos eram descascados à custa de mão de pilão e depois minha mãe os torrava e moía, advindo daí um café saboroso e puro. E Frei Bruno apreciava muito a rubiácia servida por minha mãe.

Um certo dia, Frei Bruno passou por nossa casa, fazendo a rápida visita e tomando o café. Disse que ia até a localidade de Damiana, (situada nas montanhas, quase divisa com Indaial). Ele ia atender a um chamado de um moribundo que desejava confessar-se antes de entregar sua alma ao Criador.

Após tomar seu cafezinho, Frei Bruno tomou sua montaria e seguiu rumo à citada localidade, montanhas da Damiana. O local distava de nossa casa, uns 5 a 6 quilômetros. Portanto, da matriz de Rodeio, de onde procedia o padre, até o local que procurava atingir naquela tarde, eram cerca de 14 a 15 quilômetros, estrada de barro e muito estreita.

Frei Bruno despediu-se de meus pais e seguiu seu caminho. A

noite chegou e com ele um violento temporal, com chuva fortíssima. Isto estava acontecendo em toda aquela região.

Eram cerca de 21 horas, uma noite escura, chuvas abundantes, quando o dedicado sacerdote bateu na porta de nossa casa, pedindo licença para entrar. Estava totalmente molhado, isto porque, tendo deixado a cabeceira do moribundo só depois que o mesmo falecera, após lhe haver aplicado a extrema unção e, proporcionando o conforto à família enlutada, empreendeu a viagem de retorno a Rodeio. Logo que havia descido a montanha foi atingido pelo temporal. Sendo um lugar deserto, não teve onde se abrigar.

Sobre o hábito, ou seja, a batina, frei Bruno usava, naquele dia, uma capa, ou uma «pala», ou ainda «poncho», como eram denominados aqueles abrigos. Todavia, o agasalho não fora suficiente para resistir à intempérie e, por isso, o padre estava com uma parte da batina molhada, além daquele abrigo superior.

Lembro-me de que, ao entrar em nossa casa, naquele estado frei Bruno exclamou: «Peço-lhes um abrigo temporário, porque estou molhado igual a um pinto»! Meu pai convidou-o a despir o agasalho para que, perto do fogo que minha mãe já estava acendendo no nosso fogão construído com barro e tijolos, aquele abrigo fosse secado. Mas a batina, ele não despiu, justificando que achava-se molhada apenas na orla inferior e que botas impediam que molhasse os pés. Meu pai disse: — Frei Bruno, o senhor não acha que o que está fazendo é sacrifício demais? Ao que frei Bruno respondeu: — «Nenhum sacrifício existe quando se sabe que um ato destes representa a salvação de uma alma encomendada a Deus e o conforto para os familiares que continuarão a viver».

Frei Bruno permaneceu naquela noite, junto com nossa família até quase meia noite, quando já não mais chovia. Despediu-se, abençoou nossa família e, tomando sua montaria, seguiu para Rodeio.

A lembrança da figura daquele piedoso sacerdote nunca arrefeceu em minha memória, isto porque foi dele que recebi os ensinamentos religiosos, assim como a primeira comunhão realizada na capela de Santa Apolônia, no Diamante, e no ano seguinte, comunhão solene realizada na Igreja Matriz de São Francisco de Assis, de Rodeio, justamente a que, agora, acaba de ser totalmente restaurada. Há 58 anos passados, era um templo muito bem cuidado e havia um seminário que reunia, por ocasião das missas solenes, elevado número de jovens seminaristas, que possuíam assento especial nas laterais próximas ao altar-mor. Soube, mais tarde, que dentre aqueles jovens que ocupavam, naquela época, aqueles lugares, achava-se o mais tarde ordenado frei Waldemar que, durante muitos anos, prestou seus serviços sacerdotais junto à igreja matriz de São Paulo Apóstolo desta cidade de Blumenau.

Frei Bruno, afinal, pelo seu espírito totalmente voltado ao sacerdócio e os exemplos de humildade e amor fraterno que sempre revelou, deve ter influído grandemente na formação de novos sacerdotes que passaram pelo Seminário de Rodeio.

Um dia, ao visitar Joaçaba, passando pela igreja matriz, deparei com um belo busto, fundido em bronze, da figura de frei Bruno. É que,

anos mais tarde, ele havia sido transferido para Joaçaba, aonde desempenhou sua tarefa sacerdotal até seus últimos anos de vida.

A população de Joaçaba, num reconhecimento dos serviços prestados por frei Bruno, prestou-lhe uma justa homenagem, perenizando sua memória junto àquela igreja que ele serviu nos últimos anos de sua vida, como havia servido a outras, como por exemplo Rodeio e sua comunidade.

Apesar de, em nossa família todos haveremos lutado muito para viver razoavelmente, sempre foi uma família muito unida, os irmãos, sem exceção, estimando-se muito. Assim, creio que posso afirmar que nossa família era abençoada por Deus, uma vez que frei Bruno, por inúmeras vezes nos abençoou quando de suas visitas e o fazia também com gratidão pela fraterna acolhida que sempre recebeu em nossa residência.

JOSÉ GONÇALVES

Écos da visita do prefeito Sasse à Alemanha

Em sua recente viagem à Alemanha, como convidado oficial de algumas cidades, o prefeito Victor Fernando Sasse desenvolveu intensa atividade de contatos, procurando tornar nosso país, através de Blumenau, mas conhecido naquele país. A propósito, o Professor Edmund Heide, de Braunschweig, escreveu carta ao sr. Alfredo Wilhelm, tradutor junto ao gabinete do prefeito desta cidade, manifestando seu entusiasmo pelos resultados dos contatos mantidos em seu país pelo chefe do Executivo blumenauense. Diz ele, em um tópico, que, «em virtude da visita do prefeito Sasse, já estão resultando mais intensos contatos entre alemães e brasileiros lá residentes, para promover um fim de semana em julho, um encontro dos «Blumenauenses» em Haselfelde, afim de estudar a possibili-

dade de fundar uma «Hermann Blumenau-Gesellschaft (Sociedade Hermann Blumenau)». Prossequindo, o Prof. Heide informa que «tive a honra de entregar ao prefeito Sasse um caneco de cerveja típico de Braunschweig». E continua: «Daqui a quatro semanas, falarei, na escola em que leciono, sobre o tema «Brasil», pois cada uma de nossas classes escolhem por semana o «seu país» para discorrer sobre ele. Finalizando, diz o Prof. que «todas as nossas idéias de incentivar as relações com Blumenau agora estão mais vivas».

Há longo tempo o Prof. Heide é um grande amigo de Blumenau. Tem um tio morando no Rio Grande do Sul. Já esteve por duas vezes em Blumenau. Numa destas visitas, fez uma palestra na FURB, acompanhada de uma série de «sídes» no Norte da Alemanha.

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (II)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo 65: Provisão para que um padre de Gaspar dê conferências aos membros da Ordem Terceira de Belchior, em 24.09.1905.

Termo 66: Provisão de vigário dada ao Superior dos franciscanos, em 20.12.1905.

Termos 67-68: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Alaor Goldacker e Theresa Vogel (23.11.1905), Otto Germano e Catharina Wirth (22.01.1906).

Termo 69: Licença para a compra de um terreno próximo à matriz, em 16.04.1906.

Termo 70: Licença para a ereção da Via Sacra na capela de Gasparinho, em 22.01.1906.

Termo 71: Licença para estabelecer na matriz de São Pedro a Ordem Terceira de São Francisco, em 18.07.1906.

Termo 72: Provisão em favor do Conselho de fábrica da matriz (sem data).

Termo 73: Provisão para a capela de Belchior, em 26.02.1906.

Termo 74: Provisão para o Conselho de fábrica da capela de Belchior, em 16.04.1906.

Termo 75: Provisão para a capela de Santo Antônio, em 26.02.1906.

Termo 76: Provisão para a capela Sagrada Família, em 26.02.1906.

Termo 77: Provisão para a capela de N. S. della Salette, em 26.02.1906.

Termo 78: Circular de D. Duarte sobre o casamento religioso e civil, em 21.11.1906.

Termo 79: Mandamento de D. Duarte sobre diversos assuntos, em 21.11.1906.

Termo 80: Provisão de vigário encomendado de Gaspar em favor de Fr. Dimas Wolff e coadjutores, em 10.12.1906.

Termo 81: Provisão de faculdades em favor do vigário, em .. 01.01.1907.

Termo 82: Licença para erigir um cemitério em Gasparinho, em 13.01.1907.

Termo 83: Ereção e bênção da Via Sacra na capela de Gasparinho, em 13.01.1907.

Termos 84-85: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Pedro Júlio Haenchein e Regina Schmitt (31.01.1907), Antônio João e Maria de Jesus (31.01.1907).

Termo 86: Licença para abrir e encerrar o livro de fábrica da capela de Gasparinho, em em 09.02.1907.

Termo 87: Licença para abrir e encerrar o livro de fábrica da capela de Belchior, em 09.02.1907.

Termo 88: Provisão do Conselho de Fábrica da capela do Sagrado Coração de Jesus de Belchior, em 09.02.1907.

Termo 89: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Santo Antônio, em Gasparinho, em 08.02.1907.

Termo 90: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Santo Antônio em Gasparinho, em 08.02.1907.

Termo 91: Dispensa matrimonial em favor de Nicolau Schmitt e Gertrudes Spengler (sem data).

Termo 92a: Leitura na igreja da carta de despedida de D. Duarte, bispo eleito de São Paulo, em 28.04.1907.

Termo 92b: Carta Coletiva dos

bispos, em 12.08.1907.

Termo 93: Provisão de vigário encomendado em favor de Fr. Herculano Limpinsel, em 07.12.1907.

Termo 94: Provisão de faculdades para binar missas e dispensar impedimentos matrimoniais (sem data).

Termo 95: Provisão de faculdades para benzer paramentos (sem data).

Termo 96: Circular sobre assuntos pastorais, em 31.01.1908.

Termo 97: Provisão para o Conselho de fábrica da matriz para o ano de 1908.

Termo 98: Carta pastoral de D. João Braga, bispo de Curitiba e administrador de Santa Catarina, saudando os seus diocesanos (sem data).

Termo 99: Circular da Secretaria do Bispado pedindo que cada vigário apresente o relatório religioso da paróquia até 28.09.1908.

Termo 100: Boletim Eclesiástico trazendo explicações sobre o Decreto Pontifício de criação da nova Diocese em Florianópolis (sem data).

Termo 101: Circular que trata de Indulgências, missas de Requiem, em 20.08.1908.

Termo 102: Carta Pastoral de D. João Becker, 1º. bispo de Florianópolis, saudando os seus diocesanos (sem data).

Termo 103: Portaria de D. João Becker pedindo que as faculdades recebam seu visto, em 20.10.1908.

Termo 104: Provisão de vigário encomendado em favor de Fr. Herculano Limpinsel, em 06.12.1908.

Termo 105: Provisão de faculdades A em favor do vigário, em 06.12.1908.

Termo 106: Provisão de faculdades B em favor do vigário e coadjutores, em 06.12.1908.

Termo 107: Lei da Província de Santa Catarina sobre a criação da Freguezia de Gaspar, em 25.04.1869.

Termo 108: Provisão anual de celebração de missas na capela de Gasparinho, em 01.01.1909.

Termo 109: Provisão anual de celebração de missas na capela de Belchior, em 01.01.1909.

Termo 110: Provisão anual de celebração de missas na capela São Sebastião (Ilhota) em 01.01.1909.

Termo 111: Provisão anual de celebração de missas na capela de N. Sra. do Rosário (Baú), em ... 01.01.1909.

Termo 112: Provisão do Conselho de fábrica da matriz, em 01.01.1909.

Termo 113: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Gasparinho, em 01.01.1909.

Termo 114: Provisão para que o vigário apresente um capelão às capelas do Baú e Ilhota (sem data).

Termo 115: Circular da Secretaria do Bispado sobre assuntos pastorais, em 04.02.1909.

Provimento da Visita Pastoral de Dom João Becker à paróquia de Gaspar, em 13.05.1909.

Termo 116: Carta Circular sobre esmolos, em 24.04.1909.

Termo 117: Autorização de D. João Becker para que Fr. Herculano venda uma parte do terreno da capela de Gasparinho para terminar as obras da referida capela, em 28.04.1909.

Termo 118: Transferência de Fr. Herculano Limpinsel. Nomeação e posse do novo vigário, Fr. Bur-

chardo Sasse, em 20.11.1909. Solene tríduo da Ordem Franciscana, em 08.12.1909.

Termo 119: Romaria de 140 gasparenses para Azambuja, em 27.12.1909.

Termo 120: Relatório da paróquia em 1909: «A paróquia de São Pedro Apóstolo de Gaspar em 1909 tinha 1027 famílias: Gaspar (427), Ilhota 328), Belchior (110), Gasparinho (94), Baú 88). Batizados na matriz (159), nas capelas (142), casamentos na matriz (50), nas capelas (5), visitas aos doentes (122), exéquias na matriz (49), nas capelas (4), confissões na matriz (3837), nas capelas (2222), comunhões na matriz (3721), nas capelas (2056), 1as. Eucaristias na matriz (49), nas capelas (92), pregações na matriz (92), nas capelas (107). A Escola paroquial de Gaspar tinha 96 alunos, a de Belchior, 52 alunos. Explicações do catecismo na matriz (271), nas capelas 328). Membros do Apostolado da Oração (396), Filhas de Maria (128), Congregação Mariana (36), Ordem Terceira (15).

Ano de 1910

Termo 1: Provisões de vigário e coadjutor da paróquia, em favor de F. Burchardo Sasse e Fr. Osmundo Keuffer, respectivamente, em 15.12.1909.

Termo 2: Provisões anuais dos Conselhos de fábrica da matriz e capelas e de celebração de missas, em 10.01.1910.

Termo 3: Convocação do Sr. Bispo para os Exercícios Espirituais do Clero, de 25 a 31.01.1910.

Termo 4: Primeiro Sinodo Diocesano de Florianópolis, de 31.01. a 02.02.1910.

Termo 5: 1a. Eucaristia na

matriz de 24 crianças, em 03.04.1910.

Termo 6: Falecimento do sub-comissário de polícia de Gaspar, em 16.05.1909 (?).

Termo 7: Festividades de Corpus Christi com mais de 1.000 pessoas na procissão, em maio de 1910.

Termo 8: Circular de D. João Becker sobre o recenseamento geral da população do país, em 15.06.1910.

Termo 9: Circular de D. João Becker sobre a fundação do Apostolado da Oração e da Pia União das Filhas de Maria, em 01.07.1910.

Termo 10: «Escândalo público» da realização de um casamento entre uma católica e um luterano na igreja luterana de Gaspar, em 10.09.1910.

Termo 11: Missões populares em italiano e português na capela de Gasparinho, de 09. a 18.10.1910.

Termo 12: Missões no Baú com grande participação popular, de 23 a 31.10.1910.

Termo 13: Missões em Ilhota e Barra de Luiz Alves, de 01 a 09.11.1910.

Termo 14: Missões pregadas em Barracão, na casa do Sr. João de Souza e Silva (João Campinas), de 28.11 a 04.12.1910.

Termo 15: 1a. Eucaristia na matriz de 29 crianças, em 08.12.1910.

Termo 16: Relatório da administração paroquial de 1910: Famílias (1050), Batizados (308), Casamentos religiosos (50), Visitas a doentes (212), falecimentos (48), confissões (9730), Comunhões, (9885), 1as. Eucaristias, (142), práticas (450). Na sede da paróquia há uma escola paroquial com 58

crianças e nas capelas há duas escolar paroquiais com 91 crianças. Explicações de catecismo (365), na matriz (201), e nas capelas (164). As capelas foram visitadas 57 vezes. O Apostolado da Oração tem 534 membros, a Pia União das Filhas de Maria (286) e a Congregação Mariana dos Jovens (159) e a Ordem Terceira (21).

Termo 17: Profissão de fé e juramento dos freis Burchardo Sasse e Osmundo Keuffer por determinação da Santa Sé Apostólica, em 25.12.1910.

Ano de 1911

Termo 1: Renovação das Promessas do Batismo, em 01.01.1911.

Termo 2: Bênção do incenso, água, e giz para o povo, em 06.01.1911.

Termo 3: Provisões anuais dos Conselhos de fábrica para a matriz e capelas, de celebração de missas para as capelas, de vigário encomendado da paróquia em favor de Fr. Burchardo Sasse e de coadjutor em favor de Fr. Osmundo Keuffer, em 06.01.1911.

Termo 4: Indulto sobre Jejum e Abstinência, em 06.01.1911.

Termo 5: Reinício de funcionamento da escola paroquial, em 30.01.1911.

Termo 6: 1a. Eucaristia de 69 crianças na matriz, em 23.04.1911.

Termo 7: Quinquagésimo aniversário de ereção da paróquia, em 25.04.1911.

Anexo: recorte do jornal «L'Amico» de Rodeio, edição de 30.04.1911, sobre esta comemoração.

Termo 8: Vigários de Gaspar de 1849 a 1911:

1) Pe. Francisco Hernando, vigário de Itajaí, espanhol das

Ilhas Canárias ou português, nos anos de 1849 e 1850 (maio de 1843 — junho de 1845).

2) Pe. Carlos Boegershausen, vigário de Joinville, alemão, no ano de 1854.

3) Fr. Amando Antônio Martens, O.S.F., franciscano holandês, missionário apostólico e vigário de Itajaí (19 de fevereiro de 1857 — 01 de maio de 1858).

4) Pe. João Luiz Nepomuceno Macedo, vigário de Itajaí (18 de junho de 1858 — 08 de agosto de 1859).

5) Pe. João Domingos Alves Veiga, vigário de Penha e encarregado de Itajaí (março de 1860 — maio de 1864).

6) Pe. Benjamin Carvalho d'Oliveira, vigário da Vara de São Francisco.

7) Pe. Alberto Francsico Gattone, nos anos de 1861 a 1867, primeiro vigário nomeado.

8) Pe. Antônio Zielinski (1867-1870).

9) Pe. Guilherme Roemer, vigário da colônia de Blumenau (1870).

10) Pe. Miguel Ruggiero, encarregado da Vila de Itajaí (1871).

11) Pe. Wendelino Bock, S.J., missionário do Rio Grande (1870 e parte de 1871).

12) Pe. João Maria Cybeo, missionário jesuíta (1873).

13) Segundo vigário nomeado: «Tomei conta desta Freguezia de Gaspar como pároco no dia 13.09.1874, o pároco Manoel Marquez Figueiral (Livro de Batismos nº. 1, às fls. 33» (1874-1876), vigário de Itajaí e encarregado de Gaspar.

14) Pe. Carlos Boegershausen, vigário de Joinville (1874).

15) Terceiro vigário nomeado: Pe. Henrique Matz, O.S.F. De

1877 até sua morte, aos 08.10.1894. Certidão de óbito (Livro I, fls. 146, nº. 44).

16) Missionários: Pe. João Maria Cybeo, S.J. (1879), Pe. Augusto Servanzi, S.J. (1883, 1884, 1886), Pe. Marcelo Rocchi, S.J. (1887-1891, 1892, 1893, 1894), Pe. Cletus Manardi, S.J. (1892 e 1893).

17) Nos anos de 1894 a 1900 esteve a paróquia anexa à de Blumenau. Os padres franciscanos vinham aos domingos e dias de guarda.

18) Em 1900 foi fundada uma residência dos padres franciscanos. Foram nomeados os seguintes vigários:

a) Fr. Pedro Sinzig (setembro de 1900 — fevereiro de 1901).

b) Fr. Floriano Hein (fevereiro de 1901 — setembro de 1902).

c) Fr. Solano Schmitt (novembro de 1902 — fevereiro de 1904).

d) Fr. Wendelino Winkens (fevereiro de 1904 — novembro de 1904).

e) Fr. Bruno Linden (novembro de 1904 — maio de 1906).

f) Fr. Dimas Wolff (maio de 1906 — novembro de 1907).

g) Fr. Herculano Limpinsel (novembro de 1907 — novembro de 1909).

h) Fr. Burchardo Sasse (desde novembro de 1909).

FIGURA DO PRESENTE

Prof. Joaquim Floriani

A Câmara de Vereadores, entregou em reunião solene realizada em 27 de março último, o Título de Cidadão Blumenauense ao professor de Matemática, Joaquim Floriani, que destinou seu maior tempo de professor aos alunos do hoje chamado Conjunto Educacional D. Pedro II. É a primeira vez no município que é consagrada uma pessoa da área de educação pública.

Há mais de 30 anos esse título vem sendo dedicado aos cidadãos que não são blumenauenses, mas prestaram uma grande contribuição à cidade. São pessoas que se destacam no meio social, nas mais diversas áreas como nas artes, na cultura, na política e outros.

Floriani, procedente de Rio dos Cedros, encontra-se com 70 anos. Iniciou sua carreira no Magistério em 1941. Em 47, começou a traba-

lhar na Escola D. Pedro II, como professor. Assumiu a direção no ano de 63, ficando no cargo até 73. De 73 a 79 foi diretor da 4ª. Ucre e de 79 até 89, prestou serviço à Escola Técnica Hermann Hering, como técnico em educação. Através de Floriani, criou-se uma geração, que hoje encontra-se na vida pública, são industriais, advogados e outros.

A indicação do professor Floriani, foi feita à Câmara de Vereadores por Rodolfo Sestrem, que reunindo o currículo do homenageado, achou que seria aprovado pois «a escolha foi justa», afirmou o vereador. Essa homenagem «deve servir de apelo para que todos os governos façam justiça à classe dos professores», ressaltou, Sestrem.

Os Gonçalves Padilha, uma adenda

Antônio Roberto Nascimento

Acerca dessa família e de sua importância para o povoamento de Santa Catarina, já havíamos dedicado algumas linhas em escrito anterior (v. Os Gonçalves Padilha e sua Importância no Povoamento de Santa Catarina, «Blumenau em Cadernos», Tomo XXVIII, nº. 6, ed. 366, junho de 1987, p. 196, e também «A Notícia» de 20.4.86, p. 23). Temos algo mais, porém, a acrescentar.

Em 1711, uma Maria Padilha morava na Laguna, conforme inventário de seus bens processado em São Francisco do Sul (cf. Dr. Luiz Gualberto, Fundação da Cidade de S. Francisco do Sul, Rev. do Inst. Hist. e Geográfico de Santa Catarina nº. 1, Vol. I, 1902, p. 73). Não logramos descobrir quem fosse, uma vez que o sobredito inventário desapareceu.

Em 1782, no entanto, vamos encontrar na Ilha de Santa Catarina, ou talvez antes disso, um Manoel Gonçalves Padilha, casado com D. Antônia Ribeiro de Mello, cuja filha, D. Ana Francisca Flávia de Faria, casa, aos 28.11.1782 (Registros da Matriz de N. S^a. do Desterro), com Francisco Machado de Sousa, filho de Manoel Machado e de Maria Rosa, quando ambos os nubentes são dados como «naturais e batizados nesta Matriz». Esse Francisco Machado de Sousa foi pai de filho de igual nome, casado, em 1^o.9.1835 (Livro nº. 2 de casamentos da Penha), com Maria Damásia da Conceição, também natural do Desterro, filha de Januário Machado Viana e de Damásia Maria da Conceição. Ademais, Manoel Gonçalves Padilha e D. Antônia Ribeira de Mello também foram os pais de Antônio Gonçalves Padilha, casado, aos 6.6.1802, (Registros da Matriz de N. S^a do Desterro), com Maria Francisca de Moraes, filha de José de Moraes e de Ana Maria, quando ambos os nubentes são dados como «naturais desta terra». Não bastasse isso, o Tenente Francisco Machado de Sousa e D. Ana Francisca Flávia de Faria foram também os pais de D. Francisca Romana da Pureza, casada, aos 9.1.1804 (idem ibidem), com João Lopes Falcão, filho de Paulo Lopes Falcão e de Maria de Assunção, neto paterno de Brás Lopez Falcão (v. Manuel Ferreira de Melo, Escorço Biográfico-Genealógico de um Tronco Ilhéu, A Família Falcão, Rev. do Inst. Hist. e Geog. de SC nº. 5, 1984, p. 169) e de Luiza Maria de Assunção, lusos, e materno de Agostinho de Deus, natural de Ponta da Garça, Ilha de S. Miguel (cf. O.R. CABRAL, Raízes Seculares de Santa Catarina, 1953, p. 31) e de Eugênia Maria, esta filha de José dos Santos e de Catarina Maria da Costa.

Aos 20.8.1752 (Primeiro livro de batismos da Matriz de N. S^a. do Desterro), vamos encontrar como padrinho o Capitão de Mar e Guerra Henrique Manoel Padilha, representado por Pedro da Costa, mas não cremos que esse militar tivesse algo que ver com a família de que temos tratado.

O Antônio Gonçalves Padilha de São Joaquim foi o primeiro povoador do «capão chamado Restingá Seca», nos Campos de Lages, de-

pois, aos 12.1.1774, de propriedade de José Caetano de Sousa (Cf. W. F. PIAZZA, A Colonização de Santa Catarina, 1982, p. 68).

Já os Gonçalves Padilhas de São Francisco do Sul foram os povoadores da Estrada das Três Barras, de Pirabeiraba, do Cubatão e das circunvizinhas, inclusive de Joinville. Assim foi que Joaquim Gonçalves Padilha morreu aos 27.8.1883 (Livro de óbitos nº. 2 da Catedral de Joinville), com cerca de 80 anos de idade, morador do Pirabeiraba, casado com Antônia Maria da Conceição, deixando 10 filhos maiores. Seu neto Marcos Gonçalves Padilha morava na Estrada da Linha Telegráfica e foi casado com Maria da Conceição, conforme batismo da filha Rosa, aos 25 de março de 1894 (Livro nº. 9 de batismos da Catedral de Joinville). Já sua neta Maria Benta Padilha morava na Estrada do Oeste, onde era casada com José Jacinto Borges, segundo o batismo da filha Maria, aos 20 de outubro de 1894 (id. ib.) Seu filho Bento Gonçalves Padilha foi casado com Teresa Maria de Jesus, com quem teve o filho Adolfo Padilha, com 25 anos em 12.2.1910, quando casou com Maria Pureza da Maia, de 22 anos, filha de Pureza Maria de Jesus (Registros da Catedral de Joinville).

Imigração/Colonização

Questão Racial o Questão Política?

«DER URWALDSBOTE»
Sábado, 18 de maio de 1901

Questão Racial (II)

«Considerando interesses justificados» assim afirma o «Blumenauer Zeitung», foi escrito o artigo «Questão de Raça», que nós no Nº. 45 de nosso jornal achamos melhor pendurar um pouco mais abaixo. Do ponto de vista de um jacobino, o referido jornal divide desde que se aproximou um pouco mais do Dr. Cunha as propostas feitas talvez se justificam. Mas nós não vemos o por que em fazer do ponto de vista dos jacobinos, também o nosso, ainda mais quando está sendo atacado veementemente até dos brasileiros natos. O brasileiro consciente condena este ponto de vista e também o governo, que apesar da gritaria da imprensa na-

tivista colocou um alemão na direção do Instituto Bancário Nacional, não aceita tal posição. Por que nós devemos ser mais brasileiros do que os próprios brasileiros?

Se o elemento alemão manifesta o desejo de organizar-se para participar independente na política do país, então se trata de um «cumprimento de um dever» como nos provou o jornal «O Paiz». E este direito nós não vamos deixar que nos tirem as expressões ridículas dos jacobinos.

Agora os senhores do «Blumenauer Zeitung» vem com sua última descoberta: o teuto-jacobinismo que não deve ser tolerado. Neste fantoma que eles mesmos desenvolveram, eles batem constantemente, mas evitam, pisar nos calos da figura visível do jacobinismo brasileiro e às vezes até tomam um bom trago de vinho com

este indivíduo horrível. «O diabo, o povinho não percebe, mesmo que o agarrou».

O artigo no «O Dia» não foi dos piores e não quis dizer, isto nos é afirmado, e só continha opiniões inocentes. Só serviu mais uma vez para instigar o povo contra o autor usando erradamente e contra a vontade a palavra **estrangeiros** em vez de naturalizados, o que vem a ser o mesmo. Bem, aqui se pretende esconder atrás da ambiguidade da palavra «estrangeiros» que também significa o mesmo mas neste sentido não se identifica com o mesmo. Isto o cooperador do «Blumenauer Zeitung» mesmo confirma. Porque dez palavras adiante diz que o brasileiro nato não estabelece a diferença entre estrangeiros e naturalizados. Nós pedimos que nos esclareça em qual dos dois casos o senhor escreveu contra o melhor conhecimento.

O artigo «Questão de raça» foi escrito por um brasileiro nato, para brasileiros natos, para os quais o imigrado naturalizado ou não, tem valor de «estranho». Com isto a tendência está marcada. Só queriam, mais uma vez, tentar instigar os luso-brasileiros contra os teuto-brasileiros. Além do mais não é de nosso conhecimento que em Blumenau ou em outro lugar do nosso Estado estrangeiros encabeçam a política local, isto só quer dizer: cargos municipais.

Mais adiante: «Em nenhum lugar no artigo se fala em proibir o idioma alemão, o que seria uma tolice». Confiável, não é. Se podemos acreditar aos nossos olhos, ali está escrito: «A instalação de escolas públicas e idioma estrangeiro deve ser impedido, e aquelas que já existem temos que amargu-

rar a vida impondo-lhes dificuldades de toda espécie.» E mais ainda: em escolas subvencionadas pelo governo — as aulas tem que ser administradas exclusivamente em português». Exclusivamente, isto certamente não quer dizer com exclusão do idioma alemão. Que isto seria uma tolice, concordamos.

E agora reflitam: se num distrito da colônia os moradores se reunirem, para criar uma nova escola, isto será proibido a eles. As crianças, portanto, se criam selvagens. Em absoluto, responde Dr. Cunha, ali será instalada uma escola do governo. Fácil de dizer! De onde tirar os meios? O grito de socorro dos italianos de Urussanga onde o professor do Estado tem que fazer «Acrobacias estomacais» e há oito meses espera por seu pagamento, como o desaparecimento da escola governamental em Timbó, depois de dois anos de funcionamento é uma belíssima ilustração às maravilhosas perspectivas. Se os colonos esperassem até que o governo se dignasse atender a seus apelos e lhes instalasse escolas então no mínimo as três futuras gerações cresceriam sem escolas. Neste meio tempo é continuar com a instalação de escolas públicas em idioma estrangeiro.

Nós extraímos do artigo em questão, as referências mais importantes, isto é, as propostas positivas para a supressão do elemento imigrado. Com isto mais alguns pontos que ainda só servem para adoçar esta amarga pílula, mas que não merecem atenção.

Pregar o nativismo **sans phrase** não é sem perigo para um político no meio de uma população que se constitui de imigrantes e seus des-

cendentes. Por isto vem enfeitando com alguns adornos e com os últimos objetivos ainda se cuida para progagá-los. Mas destes objetivos nossos leitores terão um ante-gosto quando citarmos uma parte do artigo de Barbosa Lima contra o «Volksverein» e publicado no «O Dia». É o seguinte:

«Nocivo é ouvir neste pals, nos lares, onde não encontramos o doce acento «amo-te ó mãe querida», mas as ásperas palavras soam aos nossos ouvidos: Ich liebe, lieb (!) Mutter, porque os imigrantes viveram isolados em três gerações consecutivas onde se adormece a criança contando histórias fantásticas da floresta ne-

gra, das névoas do mar do norte e contos do Reno, onde só lêem livros alemães e mostram quadros referentes à pátria mãe, para acender o entusiasmo jovem. Ensinam a admirar Bismark e Moltke, e sorriem com desdém quando se fala de José Bonifácio — não se refere ao Burgomestre de Blumenau, mas ao ministro do Imperador Dom Pedro I — de Caxias, Osório e Florianópolis se fala etc. etc.

Com uma palavra só, o áspero idioma alemão, não deve ser eliminado só das escolas, mas também nos lares, e todas as lembranças da pátria mãe devem ser destruídas. Este é o ideal dos nativistas!»

Ass.: E. F.

REPAROS QUE TORNAM NECESSÁRIOS NAS PESQUISAS HISTÓRICAS DO PE. F. BOHN

Por João de Azeredo Coutinho

O Padre Antônio Francisco Bohn encontrou no arquivo da Paróquia de Gaspar um manuscrito, sem autor mencionado, e o publicou nesta Revista em fevereiro de 1991 com o título «Notas à História de Gaspar».

Pelas falhas que o documento contém, comete injustiças ao nome de uma das famílias mais antigas do Estado de Santa Catarina, 240 anos e mais de 400 de Brasil, a família de Azeredo Leão Coutinho ou de Azeredo Coutinho como foi registrado.

A História da Família Azeredo Coutinho já foi escrita em Jornais, Revistas e Livros por Historiadores como o Douto em História Prof. José Ferreira da Silva, Médico Oswaldo Rodrigues Cabral, Almeida

Coelho, Alm. Lucas A. Boiteux dentre outros. Apresento as incorreções contidas, a seguir:

I — Não é Governador da Fortaleza da Barra Sul e sim Governador da Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim. Como foi mencionado em História de Santa Catarina (Cabral et alii, 1970, v. 1. p. 138) e em As Defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil-Colônia (Cabral, 1972, p. 30).

II — Não é Manoel Gonçalves Leão e sim Miguel Gonçalves de Leão. Como consta da Revista Blumenau em Cadernos (Janeiro de 1958, Nº. 3, p. 49 e 50), bem como várias vezes no Livro sobre as Fortalezas do Cabral, e em Do-

cumentos, provenientes do Colégio Brasileiro de Genealogia do Rio de Janeiro, Documentos estes em meu poder.

Documentos que recebi por intermédio do meu parente Edison Mueller, uma das maiores autoridades em Brasões de Santa Catarina.

Somos parentes pelo lado materno que é Müller. Meu avô materno João Vieira Pamplona casou-se em Gaspar a 5 de fevereiro de 1881 com Luiza Leopoldina Müller, filha do Alemão Jacob Müller e da Brasileira Anna Maria Kehr-bach, neta dos Alemães João Müller e Anna Maria Reinartz.

Sobre a morte trágica de Anna Maria Reinartz, José Ferreira da Silva escreve um artigo no Jornal de Santa Catarina dos dias 25 e 26 de junho de 1972. Aproveito a oportunidade para citar alguns descendentes ilustres do casal João Müller e Anna Maria Reinartz:

Lauro Severiano Müller, General, Ministro e Governador deste Estado.

Eng. Colombo Machado Sales, Governador deste Estado.

Arthur Müller, Deputado Constituinte em 1947, Prefeito de Jaraguá do Sul, Pai das Sras. Amantina Müller Ellinger, Aracy Müller Neitzel, residentes em Blumenau e Aurea Müller Grubba residente em Jaraguá do Sul.

Felix Theiss, Prefeito de Blumenau, Bisneto de Berto Vieira Pamplona e de Rosa Carlota Müller, esta Neta do casal João Müller e Anna Maria Reinartz, portanto tataraneto deste casal.

Nilton Kuker, Prefeito de Itajaí, filho do Comandante do Vapor Blumenau I Rodolpho Kuker «Fi-

nuça» e de Anna Maria Müller «Nica».

Um dos meus 32 tataravos Miguel Gonçalves de Leão, conforme o Colégio Brasileiro de Genealogia, nasceu em 1715 na Vila de Santo Antônio de Sá (atualmente absorvida pela cidade de Itabórai) era filho de Miguel Gonçalves de Araujo, natural de Itambí, distrito de Itaboraí, casado com D. Bárbara da Costa e Silva, natural da Freguesia da Candelária do Rio de Janeiro. Miguel Gonçalves de Leão casou-se, quando Furriel no Rio de Janeiro, Freguesia da Sé, Livro 7º., folha 79 em 1º. de março de 1745 com D. Rita Maria do Espírito Santo de Mello de Azeredo Coutinho, nascida na Freguesia da Candelária (Livro 4, fl. 38) em 10 de junho de 1721, filha de José Ferreira Ramos e de D. Maria de Mello Coutinho. Veio para Santa Catarina por volta de 1750, portanto a mais de 240 anos.

III — Não é Alexandre de Azevedo Leão Coutinho e sim Alexandre José de Azeredo Leão Coutinho, nascido no Rio de Janeiro, Freguesia da Sé (Livro 10, folha 77v em 14 de janeiro de 1747) um dos meus 16 trisavos.

A Família Azeredo Coutinho já está no Brasil a mais de 400 anos. Conforme o dito Colégio, Marcos de Azeredo nascido em Guimarães Portugal, no ano de 1559, um dos 32 tataravós da minha tataravó, Rita Maria, falecido em Vitória do Espírito Santo em 19 de maio de 1618, casou-se com Maria de Mello Coutinho, nascida em Vitória do Espírito Santo.

Na época a Capitania do Espírito Santo com 50 léguas (330 Km. quadrados) pertencia ao Donatário Vasco Fernandes Coutinho e D.

Luiza de Grimaldi (Neta materna dos Príncipes de Mônaco).

Um dos filhos do casal Marcos de Azeredo e Maria de Mello Coutinho, Domingos de Azeredo Coutinho nascido em 1596 na Capitania do Espírito Santo, casou-se em 1619 com Anna Tenreira nascida em 1600. Anna Tenreira era descendente dos Cunha Tenreiro e dos Mariz. Domingos de Azeredo Coutinho consta da relação dos Primeiros Povoadores do Rio de Janeiro — Comemoração do quarto centenário do Rio de Janeiro, verificado a 1º. de março de 1965, a seguir transcrevo de acordo com a Revista do dito Colégio, os descendentes ilustres do casal Domingos de Azeredo Coutinho e Anna Tenreira:

«Bento do Amaral Coutinho, seu bisneto, falecido em 1710, e que foi herói da resistência contra a incursão Francesa.

O Conde de Arganil (Frei Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Bispo de Coimbra.

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, também Bispo.

O Marquês de Itanhaém (Manuel Inácio de Andrade Soutomaior Pinto Coelho), Ministro de Estado.

O Barão de Cocais, José Feliciano Pinto Coelho da Cunha.

A Condessa de Sarapoí, D. Rita Clara de Araújo.

O Visconde de Aljezur, Francisco de Lemos Pereira de Faria Coutinho.

Felício Muniz Pinto Coelho, primeiro marido da Marquesa de Santos.

O Conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba, casado em segundas núpcias com D. Narcisa, neta de José Bonifácio.

A Marquesa de Lages, D. Isabel Leonor da Mota Leite e Araújo.

O Sr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, que foi candidato ao Governo de São Paulo no último pleito.

Ângela Vasconcelos, Ex. Miss Brasil».

E mais centenas de descendentes, inclusive Eu, João de Azeredo Coutinho, aposentado no cargo de Chefe da Contadoria de Estrada de Ferro Santa Catarina e o meu filho, o Eng. Sérgio de Azeredo Leão Coutinho.

IV — Não era Josepha e sim Fortunata Amélia Catela a primeira mulher de Alexandre José de Azeredo Leão Coutinho, minha trisavó natural de Lisboa, filha de José Antônio Catela, natural de Milão e de Anna Joaquina Catela, em Blumenau em Cadernos (1958 nº. 3 p. 49 e 50) e Certidão de Batismo da neta Josefina e outros irmãos encontrados no Arquivo da Arquidiocese de Florianópolis. (1)

Não posso apresentar dados da Certidão de Batismo de meu avô porque foram extraviados os Livros de Batismo e de Casamentos da Paróquia de Itajaí no período de 1847-1857, ou melhor, foram roubados como é comentado.

V — O Padre Bohn diz, baseado na pesquisa que fez, que Alexandre e Josepha vieram morar em Itajaí perto do ano de 1790, onde nasceram a filha Maria e o filho João Pedro.

Em Blumenau em Cadernos (1958, Nº. 3 p. 50) consta que Alexandre em 1793 alcançou uma Sesmaria no Itajaí, onde estabeleceu uma Fazenda, bem como na citada Revista também (1967, Nº. 9/10 p. 158) José Ferreira relaciona às mar-

gens do Itajaí em que Alexandre é o 1º. (1792) e Domingos Francisco de Souza Coutinho (1811).

Em os «Grileiros» do século XVIII por José Ferreira no Jornal o «Lume» de 25 de outubro de 1959 escreve a respeito da distribuição das Sesmarias, distribuição esta transcrita a seguir:

«Alexandre de Azeredo Leão Coutinho (Capitão Governador da Fortaleza de Santa Cruz) requereu duas léguas na parte sul do Itajaí-Açu, compreendendo os terrenos por onde se estende hoje, o bairro da Fazenda; Joaquim Sales e Melo, Governador da Fortaleza de Ratoões, requereu outras duas léguas no Itajaí-Mirim; o irmão deste último Francisco Manoel da Silva e Melo obteve outra légua quadrada no Itajaí-Mirim; o Sargento Manoel José Diniz, outra no mesmo lugar; O Padre Francisco José Teixeira da Rocha Gil, professor régio e capelão do Itajaí «Paragem» e contíguas às que haviam sido ao vigário da Vara, Padre Antônio Teixeira de Souza; o irmão do «capitão governador da Fortaleza de Santa Cruz» que era Padre e capelão dessa mesma Fortaleza, recebeu outra sesmaria que mais tarde vendeu a Silva Mafra, no lugar ainda hoje conhecido por «Mafra». Chamava-se ele Padre Domingos Francisco de Souza Coutinho».

Os filhos de Alexandre e Fortunata Amélia, Maria e João Pedro foram batizados na Catedral do Desterro, e a filha Carolina, da segunda mulher batizada em São Miguel. Alexandre José faleceu em 7 de outubro de 1815, tendo nascido em 1747, morreu com 68 anos, tendo ocupado o cargo de Governador da Fortaleza de Santa Cruz com 38 anos, promovido depois a Major e Tenente-Coronel. Como disse Ca-

bral em As Defesas da Ilha de Santa Catarina, «com nada menos de 50 anos prestados a tropa», assim, pelos anos de serviço prestados a tropa e pelos anos que viveu, não acredito que tenha morado em Itajaí, pois eram obrigados os requerentes de sesmarias promoverem algum empreendimento em cima das terras adquiridas e foi o que ele fez, estabeleceu uma Fazenda.

Transcrevo ainda da Revista «Blumenau em Cadernos» (1959 nº. 10) a parte seguinte da Reportagem «Reminiscência»

«Nos terrenos ao sul da povoação, já conhecidos com o nome de «fazenda» residia em uma boa casa caiada a respectiva proprietária D. Felícia Alexandrina de Azeredo Leão Coutinho. Dizia-se que era viúva de um oficial antigo que governara Santa Catarina. O que é certo e que recebia soldo. Tinha uma filha de nome Carolina, casada com um Capitão Benigno Lopes Monção. Possuía muitos escravos. A «Fazenda» tinha grande cafezal, muitas laranjeiras e outras árvores frutíferas, extensões roças e um engenho de fazer farinha de mandioca e um de moer cana e fabricar açúcar». Portanto, Alexandre José não era pessoa conhecida em Itajaí, e na mesma Revista, os habitantes mais conhecidos: no Pocinho, capitão Henrique Flores, na Barra do Luiz Alves, o alferes João de Azeredo Leão Coutinho (meu bisavô), João da Silva Mafra, João Cardoso dos Santos e Manoel da Quina (capitão de mato).

VI — Não é João Pedro de Azeredo Coutinho e sim João Pedro de Azeredo Leão Coutinho. Deve ter recebido sua educação do próprio pai pois tinha mais de 15 anos quando o pai morreu (1815) e pro-

vavelmente o tio, o Reverendo como disse Cabral, Domingos Francisco de Souza Coutinho que era capelão da Fortaleza de Santa Cruz, irmão do governador, juntamente com seu primo, o filho do dito reverendo, o Comendador João Francisco de Souza Coutinho, músico e político (retrato página 49 — Livro I Memória Nossa Senhora do Desterro) de Oswaldo Rodrigues Cabral. Cabral escreveu algumas páginas sobre o filho do Padre. Foi Vice-Presidente da Província, Deputado, Presidente da Assembléa Legislativa etc. e ocupou o cargo de Presidente em 1862 e 1868 e também escreveu sobre o Neto do Padre, o Dr. José Cândido de Lacerda Coutinho, médico, poeta e político. E nem poderia constar nos livros paroquiais de Itajaí e Itapocoroy citados na pesquisa do Pe. Bohn, porque o nome dele não era Domingos de Azevedo Coutinho, mas sim Domingos Francisco de Souza Coutinho.

VII — «Elle escolheu-se uma rapariga destes descendentes Açorita e casou com Ella». — Não gostei do termo «rapariga» pois acho que minha bisavó possuía nome até bastante grande. O nome dela era Tomázia Maria da Conceição Rangel de Britto, filha de Francisco Rangel de Britto e de D. Floriana Dias, como consta da Certidão de Batismo da filha já citada.

VIII — «Carolina casou-se com Benigno Lopes de Melo.» — Não. Ela casou-se com o Capitão Benigno Lopes Monção (Monzon, Monseau?) nunca Melo. Residia Monção no Estaleiro das Nau do Pocinho.

IX — Não é Azevedo e sim Azeredo. O Dicionário Aurélio re-

gistra Azeredo — Plantio ou mata de azereiros. A Carta do Brasão dos Azeredo e dos Azevedo são muito diferentes. São muito extensas para transcreve-las aqui. Afinal, são todos apelidos. Na Carta do Brasão dos Coutinho, por exemplo, que resumindo, é o seguinte: Na Idade Média, D. Garcia Rodrigues da Fonseca possuía um Couto, o Couto de Leomil, propriedade geralmente com um castelo, que passava por herança para o filho mais velho, por ser de pequena extensão, apelidaram de coutinho. Passaram-se algumas gerações e ninguém mais conhecia o Couto dos Fonseca, mas sim o coutinho. Então um dos Senhores do Couto passou a dar o nome dos filhos «Fonseca Coutinho» mais tarde só Coutinho. Bem como a Carta do Brasão dos Pamplona vem do apelido que tomou um habitante de Navarra cuja capital era Pamplona, cidade dos los touros. Um dos Pamplona viajou para os Açores e quando meu tataravô Caetano Vieira Pamplona que Açoriano da Ilha Terceira veio para o Brasil já andava pela 10ª. geração. Caetano casou na Catedral de Florianópolis no dia 25 de fevereiro de 1781 com Anna Francisca de Santiago de Souza Medeiros, filha do Capitão Manoel de Souza Medeiros e de sua mulher D. Anna de Santiago. Eu acho que o apelido de um Coutinho, Silva ou Pereira, deve ser acatado em homenagem ao ancestral que nos legou o sobrenome.

Os Azeredo Leão Coutinho tinham terras ao longo do Itajaí-Açu por exemplo, meu avô, David de Azeredo Leão Coutinho morava na Barra do Luiz Alves, nas terras que herdou do Pai, João Pedro de Azeredo Leão Coutinho. Destas terras meu Pai em 1893 recebeu por herança (falecimento da Mãe), 36

braças (braça 2,20m) com frente com o rio Itajaí-Açu e com 3.000 braças de fundo.

David casou-se no dia 11 de janeiro de 1879, em Gaspar com Virgínia Maria de Souza, filha de Manoel Francisco de Souza e de Jesuina Maria de Jesus. David por ocasião da enchente de 1911, recolheu em sua casa, que eu conheci, de madeira com uma cozinha separada por um corredor e em seus engenhos, 86 pessoas, algumas salvas por meu Pai Saturnino de 23 anos e pelo o irmão Fernando de 25, bons canoieiros e que conheciam bem os perigos da Barra do Luiz Alves.

Entre as pessoas encontravam-se a família Borba, Manoel de Borba (Maneca) que é pai de dois comerciantes da rua 15 desta cidade, Domingos e Manoel (Joca). Os homens dormiam na sala, as mulheres nos quartos e a garotada debaixo das camas que eram bem mais altas do que as de hoje e duas velhas foram acomodadas dentro de um paiol de farinha que estava vazio. Meu avô mandou matar duas rezes para sustentar toda aquela gente.

Maneca Borba que era padrinho de meu Pai tinha uma fazenda a uns 500 metros abaixo da Barra do Luiz Alves por onde passa a Rodovia Jorge Lacerda e que hoje existe uma fazenda de gado.

Coutinho, Borba e Rebelo se visitavam, faziam parte de uma classe que o Dr. Arão Rebelo chamou de «Aristocracia Rural» e digo «Senhores de Engenhos».

Saturnino, meu Pai, lavrador, casou-se no dia 10 de fevereiro de 1917, em Gaspar, com Maria Luiza Vieira Pamplona (Sinhá) filha de João Vieira Pamplona e Luiza Leopoldina Müller.

Eu casei no dia 29 de maio de 1962, em Blumenau, com Elynora Nort, filha de Otto Nort e Paula Klüger, neta dos Prussianos Ferdinand Nort e Marie Hartmann que moraram em Blumenau e bisneta de Frederico Nort e Amalia Nort e do Pastor Luterano Ludovico Hartmann, e Dorothea Hartmann, e pelo lado materno é neta de Carl Louis Klüger e Helene Gratzke, bisneta de Julius Bernard Klüger nascido a 20 de dezembro de 1838 em Schöndorf — Alemanha e casou-se em Blumenau, no dia 1º de maio de 1862 na Igreja Evangélica Centro com Johanne Henriette Hadlich e de Christoph Gratzke e Ernestine Steinke, trineta de Gottlieb Klüger e de Johann Georg Hadlich.

Eu faço a genealogia de costado, avô, bisavô, etc. Mas meu primo o Engº. Nelson Vieira Pamplona que nasceu em Blumenau filho de João Vieira Pamplona e de D. Hilda Wemuth, morando atualmente no Rio de Janeiro, faz parte do Conselho do Colégio Brasileiro de Genealogia do Rio de Janeiro, faz a mais completa, com as respectivas ramificações. Futuramente pretendemos publicar nesta Revista a Genealogia da Família Pamplona.

(1) ARQUIDIOCESE DE
FLORIANÓPOLIS
Certidão de Batismo

Certifico que, revendo os livros de assentos de Batismo da Paróquia de Itajahy encontrei no livro 2 à fls. 48 e sob nº. x x x um assento do teor seguinte:

A sete de Maio de mil oitocentos e quarenta e um nesta Matris do Santíssimo Sacramento de Itajahy baptisei solemnemente e pus os Santos Oleos à innocente Josefina, nascida a vinte e um de março do presente anno, fª, Legª, de João

Pedro de Azevedo Leão Coutt^o. e Thomasia M^a. da Conção. moradores nesta freg^a. avos Paternos o Tente. Corel. Alexandre Je. d' Azevedo Leão Coutinho e D. Fortunata Analea d'Azevedo Calela, maternos Franco. Rangel de Britto e Floriana Dias forão Padrinhos o Alferes Mel. Fernand. da Silveira e D. M^a. da Silveira e p^a. constar fis este termo q.

assignei, O Vig^o. de Porto Bello Anto. Augto. (...) e Sza.

Nada mais continha o dito assento, e por ser verdade, o afirmo e assino.

Florianópolis, 07 de dezembro de 1981.

Enio de Oliveira Matos
Secretário do Arquivo

A Europa e a unificação da Alemanha

Importante palestra do Prof. Dr. Hermann Gürgen

No dia 10 de maio último, no auditório da Escola do SENAI, teve lugar uma das mais importantes e atraentes palestras que ultimamente têm sido assistidas em Blumenau. Trata-se da palestra levada a efeito pelo Prof. Dr. Hermann Gürgen, figura das mais conhecidas e aplaudidas não só no Brasil como também na Alemanha, aonde hoje destaca-se como político, pois é deputado federal em Bonn.

O Dr. Hermann Gürgen viveu muitos anos no Brasil, tendo aqui chegada ainda na década de 1930, como exilado do regime nazista implantado em seu país. Aqui passou a realizar importantes trabalhos no campo da cultura, desempenhando várias funções no ensino superior, tendo, por isso, sido agraciado com diversas comendas pelas universidades brasileiras e pelo próprio governo federal. Retornando à Alemanha, após o término da guerra, o Prof. Gürgen aliou-se àqueles que passaram a lutar pelo restabelecimento sócio-econômico de seu país. Ao longo dos anos, foi firmando seu conceito pela dinâmica e capaci-

dade intelectual de seu trabalho, tornando-se figura admirada no país, tanto assim que seus concidadãos elegeram-no deputado federal, funções que ainda hoje desempenha no parlamento alemão.

A palestra do Prof. Dr. Hermann Gürgen aos blumenauenses foi de uma profundidade extraordinária, mantendo a seleta e numerosa platéia que assistiu, em total atenção. Ele focalizou a atual situação na Europa, no que concerne a seus vários aspectos e também as consequências da unificação alemã, com o que acarretou sérios problemas para a República Federal da Alemanha, com elevados encargos para resolver sérios problemas sociais, políticos e econômicos então existentes na antiga RDA.

O Prof. Dr. Hermann Gürgen, com mais de oitenta anos de idade, é uma figura de homem forte, inteligente e que, tanto pelo seu porte físico quanto pela vivacidade de sua inteligência e memória, representa uma idade abaixo dos sessenta anos.

Mais um livro importante, lançado no final do ano passado, vai passando em branca nuvem. Refiro-me ao segundo volume de «O Castelo de Frankenstein», de autoria de Salim Miguel (UFSC/Lunardelli — Florianópolis — 1990), onde o conhecido crítico e ficcionista reúne uma variada seleção de suas análises literárias, gênero a que ele vem se dedicando sem cansaço há longos anos. Com este livro, Salim Miguel está comemorando seu 40º. ano de atividade literária, iniciada em 1951, com o lançamento de «Velhice e Outros Contos». E convenhamos que uma dedicação de quatro décadas à literatura, com tão rarefeitas recompensas, mais que merece uma comemoração. Merece também o nosso aplauso e o nosso reconhecimento a quem tanto tem dado de si às nossas letras e à nossa cultura. Este é o 11º. livro de Salim Miguel, dos quais 9 são de ficção — contos e romances — e dois de ensaios críticos.

O livro se abre com um conjunto de seis excelentes artigos a propósito de Mário de Andrade, nos quais o autor esmiúça importantes aspectos da obra, do pensamento e das lições do «Papa do Modernismo», entre elas a polêmica e sempre lembrada afirmação de que «o destino do artista erudito não é fazer arte pro Povo, mas pra melhorar a Vida» (pág. 19). Sua intenção, nesses artigos, não é assumir a defesa de Mário, coisa de que ele não necessita, mas «tão-somente expor certos pontos de vista» e «esclarecer alguma coisa de obscuro», além de mostrar novamente a importância do Movimento Modernista e da «Semana de Arte Moderna». E nesse propósito Salim foi perfeito, seus artigos são uma contribuição apreciável aos estudos sobre o autor de «Macunaíma.»

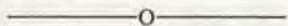
Outra presença forte no livro é Cruz e Sousa, revelando-se num dos mais longos ensaios a justa admiração do crítico pelo «pretinho da antiga Desterro» (pág. 31). «Muito embora fosse relegado e diminuído em sua época e seu meio, — escreve o autor — elevou-se com força, com ímpeto, vencendo todos os contratempos e preconceitos. Hoje é um dos mais altos expoentes da poesia brasileira e o mais importante vulto da corrente simbolista. Roger Bastide vai além: considera-o um dos três grandes do simbolismo universal, dizendo estar assim constituída a grande tríade harmoniosa: Mallarmé, Stefan George e Cruz e Sousa» (pág. 31).

Muitos outros estão presentes, catarinenses, brasileiros e estrangeiros, todos expostos ao leitor com visão aguda e penetrante, realçando o bom, acentuando o ruim, estimulando sempre. Assim é que por essas páginas desfiliam Jorge Lacerda, Gama D'ça, o Professor Fontes, Almiro Caldeira, Laury Maciel, Flávio de Aquino, Ody Fraga, Marcos Konder Reis, Graciliano Ramos, Machado de Assis, João Felício dos Santos, R. Magalhães Jr., Jorge Amado, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Antonio Candido, Joseph Conrad, Fernando Pessoa, o poeta português A. Vicente Campinas, de nossa mútua amizade, muitos e muitos outros. Enfo-

ques sobre a poesia, o conto, o romance a literatura em nosso Estado, o cinema, alguns artistas plásticos, o livro e seus problemas, teatro, viagens e mil outros temas, indicações e sugestões que fazem deste um livro rico e ilustrativo. Não poderiam faltar as referências ao Círculo de Arte Moderna e ao Grupo Sul, que deflagraram o modernismo em Santa Catarina e dos quais foi o autor ativo participante de um dos seus expoentes.

Mais um ponto merece ser lembrado: a inibição provocada por «Os Sertões», de Euclides da Cunha, no surgimento de um grande romance sobre nosso Contestado, ou mesmo outras obras de ficção a respeito de Canudos. Quando escrevi sobre «A Guerra do Fim do Mundo», de Vargas Llosa, abordei esse aspecto, sem saber que Salim Miguel, muitos anos antes, já o fizera. Concordo inteiramente quando ele diz: «Há temas que metem medo. Canudos é um deles. E Antônio Conselheiro. Ou qualquer coisa que tenha relação com Canudos. Mesmo aqui no Estado de Santa Catarina, onde temos o Contestado, com o Monge João Maria. Mesmo aqui, quando se pensa em escrever a respeito, uma obra logo surge, domina, limita: «Os Sertões», de Euclides da Cunha. O poder da obra, sua força, aquela linguagem plástica, a maneira como foi tratado o assunto, misto de romance e documento, faz com que os que se aventuram por vezes se despersonalizem em função da obra de Euclides da Cunha» (pág. 99). Dizê-lo melhor, impossível.

Concluindo, «O Castelo de Frankenstein» revela um crítico sensível e competente, que escreve com clareza e simplicidade, cobrindo um período longo e frutífero das letras, com realce para as nossas aqui da terra. É de justiça lê-lo e divulgá-lo.



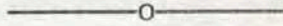
Depois de longas e criteriosas pesquisas, Vanderlei Rouver acaba de dar a público o volume «Canelinha do Tijucas Grande», em edição da Prefeitura daquele Município. Rebuscando jornais, arquivos e documentos, entrevistando pessoas, visitando lugares, ele erigiu uma minuciosa e interessante crônica daquela localidade, mais uma das poucas que têm tido a sorte de encontrar tão dedicado «biógrafo».

A geografia e a história, a presença e atuação dos escravos na região, a imprensa, dúvidas históricas, figuras do passado e do presente, o que existiu e o que ainda existe, estradas, indústrias, literatura, política local, curiosidades e muitas outras informações mereceram registro e discussão no interessante volume. O livro é bem ilustrado e documentado, podendo-se afirmar, sem o temor do erro, que será daqui em diante um marco incontornável para quantos queiram estudar a região e até mesmo obter uma visão global da história do Estado.

Um aspecto que me marcou foi a presença, na região, de Martinho Bugreiro, o chefe de uma espécie de «esquadrão da morte», para dizimar os índios sobre o qual também já andei escrevendo. Ele «foi a arma dos colonos e fazendeiros contra os gentios. Perseguiu os bugres não só pela coragem, mas principalmente pelo ódio e pela vingança que o

habitava: os bugres mataram a sua esposa e dois filhos», (pág. 33). É mais um elemento a respeito dessa triste figura do passado, sobre a qual ainda não surgiu um estudo em profundidade e extensão.

Vanderlei Rouver é professor do Instituto Estadual de Educação, participou do Grupo Varal Literário e tem poemas publicados em duas coletâneas.



«Textos Mínimos», o 13º. livro do grande poeta blumenauense Martinho Bruning, foi lançado no Espaço de Arte Açu-Açu, juntamente com exposição de pintura de sua esposa, Julieta Bruning. Sobre esse livro voltarei a me manifestar. — A Fundação Catarinense de Cultura está distribuindo o fascículo sobre o poeta Alcides Buss, da série Escritores Catarinenses de Hoje. Muito bem feito e ilustrado, o fascículo é consagrador para o talentoso poeta e professor. — Prêmio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel proferiu notável conferência no plenário da Assembléia Legislativa, em Florianópolis. — O Grupo Literário «A Figueira», da Capital, está lançando mais um número de sua revista, contendo poemas, trovas, crônicas e informações.

Obras históricas do Cônsul Pindaro Tasso Jathay doadas à Biblioteca e ao Arquivo Histórico

A Fundação «Casa Dr. Blumenau» recebeu, durante este mês, diversas doações feitas pelo sr. Carlos Ubiratan Jathay, representadas por importantes livros de sua biblioteca particular. Entre as obras doadas, encontram-se algumas de alto valor histórico e que pertenceram à biblioteca de seu pai Pindaro Tasso Jathay, que, por durante 40 anos exerceu as funções diplomáticas de Cônsul do Brasil na Alemanha e na Espanha. Uma das obras, é o volumoso livro editado na Itália e muito ilustrado, mostrando um retrato do Brasil do começo deste século. Trata-se de uma obra sem igual, confeccionada toda no mais fino papel e com ex-

celente encadernação de cujas ilustrações ali estampadas igualam-se às mais primorosas fotografias em preto e branco. Outra obra que tem elevado valor histórico, daquela coleção doada, é o livro — «Estados Unidos do Brasil», com Geografia, Etnografia e Estatística, editado em 1889, da autoria de Elisée Reclus, com tradução e breves notas de Ramiz Galvão, e ainda anotações sobre o Território do Contestado pelo Barão do Rio Branco. Essas obras, serão catalogadas e registradas no Arquivo Histórico desta Fundação e ficarão à disposição dos pesquisadores.

O Padre Bento Barbosa de Sá Freire

Antônio Roberto Nascimento

Seu nome completo era Bento Barbosa de Sá Freire Azevedo Coutinho e não era português (cf. W. F. PIAZZA, *A Igreja em Santa Catarina - Notas para sua História*, 1977, p. 239), senão natural do Rio de Janeiro, mais precisamente da freguesia de Jacarepaguá, onde foi batizado aos 5.8.1765 (cf. C. G. RHEINGANTZ, *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro*, 1965, Vol. I, p. 201). Seus pais foram o Mestre-de-Campo João Barbosa de Sá Freire e sua segunda mulher D. Ana Maria de Sousa Pereira, tendo sido neto paterno do Capitão Francisco Pais Ferreira e de sua segunda mulher D. Brites de Sá Soutomaior, e materno de Antônio Ferrão Castelo Branco e de D. Andreza de Sousa Pereira. O Pe. Bento Barbosa de Sá Freire foi irmão de Antônio Barbosa de Sá Freire, casado no Rio Pardo (RS), aos 22.11.1761 (cf. J. GODOFREDO FELIZARDO, *Genealogia Rio-Grandense*, 1937, p. 179), com D. Gertrudes da Fontoura, filha do Te-

nente João Barbosa da Silva Gama e de D. Inácia Maria Veloso da Fontoura.

Foi vigário de São Francisco do Sul de 1800 a 1824 (cf. C. DA COSTA PEREIRA, *História de São Francisco do Sul*, pp. 121, 122 e 127), onde faleceu aos 03.12.1848 (cf. W. F. PIAZZA, *ob. cit.*)

Saint-Hilaire, o sábio francês, teve péssima impressão dele, a despeito de lhe reconhecer certo grau de instrução.

Em 1808, requereu e obteve 3.500 braças de terras em quadra, «no lugar denominado Rio do Pirahí» (Arquivo Histórico de Joinville), onde pretendia instalar uma fazenda para criação de animais, ao lado das terras de Francisco de Miranda Coutinho e de um Lamim ou Lamy.

Não sabemos se, de fato, chegou a instalar a dita fazenda, mas é inegável que sua presença na região deve ter seu tanto de importância no relato histórico.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia) publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTÍCIA DE 5 DE FEVEREIRO DE 1870:

Dona Francisca — Água boa para Joinville. Em vista da premente necessidade de fornecer água boa para o consumo, em quantidade suficiente para a população, a Câmara Municipal acaba de estabelecer a verba de 200 mil réis para o corrente exercício, comprometendo-se a liberar anualmente, pelo menos, igual quantia para a mesma finalidade. Tais verbas deverão ser acumuladas, até constituírem o fundo suficiente

para a abertura do primeiro poço oficial, em local conveniente da Vila. A este primeiro poço deverão seguir outros, de acordo com a necessidade e a possibilidade, a fim de dar a maior expansão possível à rede de água. (Para a construção do primeiro poço serão necessários, segundo cálculo superficial — com a instalação de canos de seis polegadas — a importância de 3:000\$000 a 3:500\$000 Réis). Além disso, a Câmara Municipal tomou medidas para obter uma contribuição do Governo da Província. A fim de que a empresa não fique dependendo exclusivamente das verbas concedidas pela Câmara Municipal, assim continuando na expectativa durante anos, os abaixo assinados concitam os seus concidadãos a contribuírem, no interesse próprio, para a realização da obra, comprometendo-se a doações voluntárias, mensais, trimestrais ou como for de sua conveniência, assinando para este fim as listas que serão apresentadas. Em cada lista existe um espaço vago, para que os interessados possam dar a sua opinião sobre a maneira de administração da importância arrecadada — se deverá ser administrada pela comissão abaixo ou se deve ser entregue mensalmente à Tesouraria da Câmara. Decide-se pela maioria de votos. Na primeira hipótese, seria necessária a nomeação de um tesoureiro e na segunda, o Procurador da Câmara Municipal, sr. P. Schmalz, se prontificou a contribuir para a causa, abrindo mão da taxa que lhe caberia pela administração do fundo.

A fim de economizar a despesa, com o recebimento mensal por meio de um mensageiro, os abaixo assinados comprometem-se a receber as contribuições mensais desde que cada um declare na circular a quem deseja efetuar o pagamento.

As listas estarão à disposição de quem quer que seja e a soma arrecadada mensalmente será publicada no «Kolonie-Zeitung».

Joinville, 30 de janeiro de 1870.

Ludwig von Lasperg, Eduard Trinks, Friedrich Jordan, Friedrich Louis Wetzel.

ANÚNCIO DE 22 DE MAIO DE 1869; PUBLICADO EM PORTUGUÊS:

O abaixo assinado faz saber a todos que lhe fugiram dois escravos. Um de nome Luís, natural da África, de 35 a 40 anos de idade, de cor preta, gordo e de estatura regular, com os seguintes sinais: tem uma nuvem sobre um olho, uma falha de cabelo sobre a testa e pés muito chatos. Este escravo fugiu há três anos. O outro escravo denominado Manuel, crioulo, de 25 anos mais ou menos, de cor meio fula, estatura baixa, sem sinais especiais, fugiu no mês de agosto do ano próximo passado. O abaixo assinado gratifica com a quantia de cinquenta mil réis por escravo, a quem prender e entregar na cadeia pública o escravo ou os escravos.

Rio de Paraty, 18 de maio de 1869.

Ponciano Antônio de Lemos.

A coleção completa do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

SENGÉS

Hermes Justino Patrianova

Copiamos, hoje, do nosso LIVRO INÉDITO, TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo da epígrafe.

TOPÔNIMOS BRASILEIROS, modestia à parte, é a Obra mais importante do Mundo sobre os Topônimos do Brasil; pois nunca se escreveu coisa tão grandiosa!

«SENGÉS

Cidade e Município do Estado do Paraná, da Microrregião dos Campos de Jaguariaíva.

ORIGEM TUPI: SEMA = SEM' = SEN' (Sair, saída, mudança, mudar-se, desembarcar) + GÉ = JÉ (Gostar, gosto, sabor, saborear, gostoso, saboroso) = QUE GOSTA DE MUDAR-SE = NÔMADE = NÔMADES = PEIXES NÔMADES = QUE GOSTAM DE SAIR = SENJÉ = SEBGÉ (Peixes (nômades) + S (Pluralização Portuguesa) = SENGÉS.

SENGÉS, peixes nômades, peixes que gostam de sair, de descer o Rio Jaguariatu (corruptela de Jaguaraitu), são os peixes que sobem o Rio Iguape, o Rio Itararé e o Rio Jaguariatu, onde desovam, voltando ao Mar, após esse lindo espetáculo da Natureza.

Os Índios têm uma Língua,
Têm Cultura e Tradição;
Assim, não morreu à mingua
De nomes nossa Nação!»

Mais um compromisso — o dez,
Com **Blumenau em Cadernos**,
De escrever Tupi — SENGÉS,
Para os **Arquivos Modernos**
Da TECA F. MÜLLER — **Bau**
CASA DOUTOR BLUMENAU!

PHOENIX

Não diga Fênix e sim Fênis!

MOELLMANN

Não diga Méllmann e sim
Mëllmann!

— o —

Copiamos, ainda, do nosso Livro Inédito, TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo da epígrafe.

TOPÔNIMOS BRASILEIROS, como já se disse antes, é a Obra mais importante do Mundo sobre tão empolgante Tema — Língua Tupi.

«PIRABERABA

1 — Vila e Distrito pertencentes ao Município de Joinville, Estado de Santa Catarina, da Microrregião Colonial de Joinville, denominados, anteriormente, **Pedreira**.

2 — Rio da Faixa Norte-Oriental do Estado de Santa Catarina, no Município de Joinville, que nasce na Divisa com o Município de Garuva, passa pelo Sul da Vila de Rio Bonito e desagua na Parte Norte da Baía de São Francisco, entre os Rios Cubatão e Três Barras.

ORIGEM TUPI: PIRÁ (Peixe) + BERABA (Brilhante, resplandescente, brilhar, resplandecer) = PEIXE BRILHANTE = PEIXE RESPLANDESCENTE = PEIXE QUE BRILHA

NA ÁGUA = UM TIPO DE SARDA DE BOCA GRANDE E ESCAMAS PRATEADAS = PIRABERABA.

Pede-se a todas as pessoas que tenham de escrever o nome da próxima-futura Cidade e do Rio do **Peixe Brilhante**, que não escrevam

Pirabeiraba, corruptela descabida de PIRABERABA.»

GOEDERT — Pronuncie Guédert e não Guédert!

KOERICH — Pronuncie **Kêrij** e não Kérich!

UM POUCO DA HISTÓRIA DE APIÚNA

(Extraído do livro de M. Deretti — "Apiúna nos meus apontamentos")

ATÉ CHEGAR AO IDIOMA DE CAMÕES

"...a língua na qual quando imagina, com pouca corrupção crê que é latina". (Lusiadas).

Só mais recentemente o total da população começou a fazer uso espontâneo da língua portuguesa.

Os italianos falavam em geral o dialeto de suas comunas de origem. Havendo pouca diferença entre uma e outra, quase todos se entendiam facilmente. Os de Bér-gamo, Mântua e Calábria abriam exceção. Os bergamascos e mantuanos atendiam por uma algaravia de mistura com termos alemães, franceses, ingleses. Os calabreses por uma língua enxertada de vocábulos norte-africanos, o que os tornava incompreensíveis. Mas quando era necessário, defendiam-se falando a língua «in alto» (expressão sua que queria designar o italiano gramatical).

Os alemães também falavam os dialetos de seus estados: e não era sempre que se compreendiam, pois eram dialetos repassados de adstratos linguísticos, resultantes de contatos com outros povos.

Desde os primeiros anos, os imigrantes chamavam de «brasi-

leiros» aos descendentes de açorianos, no que andavam acertados. Até hoje perdura o mesmo costume de chamar de alemão, italiano, polaco, mesmo os nascidos no Brasil.

Mas os descendentes dos açorianos foram os mestres espontâneos do ensino da língua portuguesa aos imigrantes. Com suas moradas espalhadas por aqui e por ali, entravam em contato com todos e faziam-se entender, começando sua língua a predominar.

A partir de 1940, o governo de Getúlio Vargas promoveu a campanha da nacionalização, obrigando compulsoriamente, não sem graves injustiças, o uso da língua portuguesa. Num distrito vizinho, um preto criado por uma família alemã, chamado à responsabilidade pela autoridade policial, retrucou prontamente: «Eu tá alemón...»

Atualmente, como podemos testemunhar, todos falam o idioma nacional, sendo muitos bilingües, conservando com certo capricho o idioma dos antepassados.

CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO, HÁ 37 ANOS PRESERVANDO MEMÓRIAS E TRADIÇÕES

No dia 30 de abril de 1954, um grupo de pessoas inclinadas a preservar as mais belas tradições trazidas pelos imigrantes para nossa antiga colônia, resolveu fundar uma sociedade que, reunindo todos os entusiastas pelos citados objetivos, pudessem, unidos em torno desta bandeira, levar avante a difícil missão de estimular danças típicas, cantos, teatros e outras atividades que lembrassem, sempre, o esforço que os primeiros imigrantes fizeram para transferir aos seus sucessores, estas manifestações de cultura até hoje, felizmente, tão difundidas em nosso meio.

E assim foi fundado o Centro Cultural 25 de Julho, uma sociedade sem fins lucrativos e que, por isso mesmo, só tem sobrevivido às enormes dificuldades, graças à compreensão daqueles que a apoiaram e apoiam até os dias de hoje. Por isso que, só o apoio dos associados e suas famílias assim como do poder público municipal, através de alguns dos edis que dirigiram e hoje dirigem nosso município, é que o Centro Cultural 25 de Julho pôde, no dia 30 de abril último, festejar seus 37 anos de fundação. Ano após ano, somado às ofertas de algumas empresas que reconhecendo esforços empregados, tem sido possível manter os princípios saudáveis do cultivo das vozes, da expressão cênica com o domínio do palco e do aprendizado da dança folclórica.

O apoio recebido pelo Centro Cultural 25 de Julho dos diversos segmentos da comunidade blumenauense, permitiu a que a socieda-

de pudesse programar eventos culturais até os dias de hoje e oferecer as plateias concertos corais de grande qualidade, peças teatrais do melhor sabor e graça interpretativas e alegres apresentações de dança com integração.

A par do cumprimento dos objetivos culturais, o Centro Cultural 25 de Julho, desde que foi fundado, trabalhou muito, pelo esforço de seus fundadores e dos que vieram a colaborar, na construção de seu patrimônio material: a sede ampla, dotada de todo conforto necessário à prática dos seus objetivos culturais. Assim, tudo foi possível, a partir da base conseguida, com o complexo patrimonial, ou seja, a sede própria, cuja conservação e melhoramentos vem acontecendo através dos anos e tudo é feito em homenagem aos que legaram tal patrimônio, a partir de 1954.

Hoje o Centro Cultural 25 de Julho é uma das maiores expressões culturais do sul do Brasil, tendo sido sede de encontros internacionais de cantores e outros eventos que destacam não só o clube mas, e principalmente, Blumenau e sua gente. E é por isso, ainda, que podemos afirmar, aos 37 anos de vida do C. C. 25 de Julho que este, hoje, é patrimônio histórico de Blumenau.

Não se pode deixar de prestar homenagem aos pioneiros que fundaram vitoriosa sociedade cultural pelo seu idealismo, tornado plena realidade nos dias de hoje. E para fazê-lo, sem podermos citar todos os nomes, o fazemos através de um

deles: o estimado cidadão Emilio Rossmark que, com a colaboração também de seus familiares, deu tudo o que lhe foi possível para concretizar as aspirações suas e de tantos blumenauenses que até hoje vivem lutando pela preservação dessas tradições tão belas e tão aplaudidas em todos os recantos do país.

Livros

“GLÓRIA SEM RUMOR” E OUTROS EM FASE DE ENCADERNAÇÃO

As oficinas gráficas desta Fundação, estão ultimando o trabalho de encadernação de alguns livros cuja composição e impressão foi toda realizada na mesma.

O primeiro deles, cuja composição foi iniciada já no primeiro trimestre do corrente ano, é o livro de E. Roquette Pinto, intitulado «Glória Sem Rumor», que apresenta a vida e a obra do sábio Fritz Müller, com detalhes que revelam bem a personalidade do grande naturalista. Esta será a terceira edição, e estará à disposição dos interessados até meados do próximo mês.

Outro trabalho gráfico que está em andamento em nossas oficinas é o do livro «Guia de Ruas» em sua sétima edição e cuja conclusão dar-se-á em cerca de 75 dias, ou seja, em meados de setembro.

Neste primeiro semestre, também foram compostos e impressos dois outros livros, que são: «Perestróika», Será?, do Eng^o Jorge Elbek, já em fase de encadernação, e o novo livro de Enéas Athanázio, sob o título «O Aparecido de Ituy», contendo diversos contos e que mais uma vez revela a admirável capacidade do autor também como contista.

Ainda neste primeiro semestre, as oficinas gráficas da Fundação concluíram a edição do Livro «Leis, Decretos e Portarias», da administração municipal referente a 1990, com um total de 700 páginas.

A Fundação planeja, para o segundo semestre, editar mais uma ou duas obras, principalmente de conteúdo histórico.

CURIOSIDADES

O sumo do plátano contém tanto tanino, que com ele fabrica-se uma tinta que nada consegue apagar.

As constantes explosões que se verificam na superfície solar, podem atingir até 1.000.000.000 de milhas de altura.

— DIA 1º. — Com a presença de grande número de professores, autoridades políticas e educacionais, que lotou o auditório do Teatro Carlos Gomes, foi aberto solenemente, sob a presidência do prefeito Victor Fernando Sasse, o VIII Congresso da Educação.

— * —

— DIA 02 — A Fundação Universitária da Região de Blumenau — FURB registrou a passagem de seus 27 anos de fundação. O início das atividades da FURB foi marcado com a primeira aula na então criada Faculdade de Ciências Econômicas.

— * —

— DIA 02 — Promovido pela Universidade Regional de Blumenau através da Superintendência de Pesquisa e Desenvolvimento, Divisão de Promoções Culturais e Departamento de Artes, foi realizada a abertura do Salão «Passaporte da Arte Catarinense Para Washington», iniciativa para comemorar os 27 anos de fundação daquele estabelecimento de ensino superior.

— * —

— DIA 6 — No Salão Nobre da Prefeitura, o prefeito Victor Fernando Sasse lançou a campanha do trânsito denominada de «Motorista Nota 10». A campanha tem o fim específico em dois aspectos: a educação do motorista e repressão dos excessos de forma conjunta. E tem por objetivo final diminuir o número de acidentes e mortes no trânsito, propiciando um tráfego mais tranquilo no centro da cidade.

— * —

— DIA 7 — No hall da Universidade Federal de Santa Catarina, foi realizada uma noite cultural e artística, constando do lançamento do livro «Contemplação do Amor — 20 Anos de Poesia Escolhida», de Alcides Buss, e participação do Coral da UFSC sob a regência de Acácio Santana.

— * —

— DIA 08 — Em rápida solenidade que contou com a presença do secretariado e outros funcionários, o prefeito Victor Fernando Sasse transmitiu, no Salão Nobre da Prefeitura, ao presidente da Câmara de Vereadores Ogê Gaya, o cargo de prefeito, enquanto estiver ausente em viagem à Alemanha.

— DIA 09 — Depois de ter recebido dois prêmios no último Rio Cine Festival, o curta metragem catarinense «Manhã» foi exibido pela primeira vez em Blumenau. A exibição aconteceu no anfiteatro da FURB.

— * —

— DIA 10 — O prefeito em exercício Ogê Gaya, recebeu em seu gabinete, a visita do presidente da Sociedade Teuto-Brasileira em Bonn, Alemanha, professor Hermann Gürgen. Após o encontro, o visitante concedeu entrevista coletiva à imprensa e, à noite, no auditório do SENAI, proferiu uma palestra sob o tema «A Europa e a Unificação das Alemanhas», que impressionou agradavelmente à numerosa assistência presente.

— * —

— DIA 10 — Foi dotada de mais 28 leitos a Maternidade do Hospital Santo Antônio, que passou a atender ainda com mais eficiência este serviço. A solenidade de inauguração ocorreu neste dia e a obra custou aos cofres públicos 200 milhões de cruzeiros, trazendo com a ampliação largos benefícios à população regional.

— * —

— Dia 10 — Para comemorar a passagem do Dia das Mães, o BVCC — Bela Vista Country Club promoveu a «Noite Italiana», contando inclusive com a presença do artista Tony Angelli. Após o show a musicalidade ficou a cargo do Conjunto Champagne. A presença de associados foi numerosa.

— * —

— DIA 16 — Na Galeria Municipal de Arte de Blumenau, foi aberta a exposição de esculturas de José Francisco Alves e que permaneceu à disposição do público, muito visitada por sinal, de 16 a 31 de maio.

— * —

— DIA 16 — A prefeitura de Blumenau iniciou a entrega de mais 26 casas destinadas aos flagelados da violenta enxurrada ocorrida no bairro Garcia, em outubro de 1990 e que causou numerosas vítimas.

— * —

— DIA 18 — Em solenidade concorrida, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto — SAMAE — inaugurou, às 16 horas, o sistema de bombeamento e de distribuição de água da rua Avaré, no bairro Vorstadt. A solenidade contou com a presença do diretor daquele Serviço, sr. Carlos Wochholz.

DIA 19 — Tocante solenidade que contou com a presença de cerca de mil pessoas, aconteceu em Guaramirim, quando foi ordenado bispo de Humaitá, na Amazônia, Dom José Juvêncio Ballestieri, filho de Massaranduba. A solenidade aconteceu no Ginásio de Esportes da citada cidade.

— * —

— DIA 20 — Grande número de fiéis participou da reinauguração da Igreja Matriz de São Francisco de Assis, em Rodeio. O ato inaugural contou com a presença, além de outras autoridades do município, de dom Fernando de Figueiredo, bispo de Santo Amaro, São Paulo.

— * —

— DIA 22 — Na Universidade Regional de Blumenau foi aberta a exposição fotográfica «Vida e Arte do Xingu», de Philippe Arruda. A exposição, localizada no hall daquele estabelecimento, constou de 34 fotografias em cor, tamanho 40x60 cm., como resultado de uma viagem que o autor fez, em agosto de 1990, no Parque Nacional do Xingu.

— * —

— DIA 22 — A prefeito Victor Fernando Sasse, de retorno de sua viagem à Alemanha, reassumiu o cargo e, na oportunidade, falando à imprensa declarou que o chanceler Helmut Kohl, daquele país, revelou seu interesse em visitar Blumenau, proximoamente.

— * —

— DIA 23 — Numa promoção do Departamento de Cultura de Blumenau e do Banco Holandês e inseridos no Projeto «Concertos Clássicos», realizou-se no Teatro Carlos Gomes o concerto da flautista Laura Ronal e do Cravista Marcelo Fargelände.

PENSAMENTOS

Os bons pensamentos espalham-se como sementes e frutificam. Os maus, devem secar e morrer.

Quando precisar de algum favor procure sempre o mais ocupado. Os outros, nunca têm tempo.

É preciso sermos pacientes como a natureza. Afinal, as águas de um rio levam mil anos para polir uma simples pedrinha!

Fácil é a descida para o inferno. Impossível é o caminho de volta.

— DIA 25 — Um único pé de aipim plantado há sete meses, péssando suas raízes nada menos do que trinta quilos, foi colhido pelo sr. Osvaldo Rehenius, em sua propriedade, localizada no Loteamento Primavera, no bairro Água Verde.

— * —

— Dia 29 — Com vasto e bem elaborado programa comemorativo, a Biblioteca do Estado de Santa Catarina festejou o transcurso de seu 137º aniversário de fundação. O evento teve o apoio da Fundação Catarinense de Cultura e do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC. O evento denominou-se «Romance Catarinense».

— * —

— DIA 29 — O Colégio Dr. Blumenau comemorou a passagem de seus 28 anos de atividades no ensino particular, com assinalados serviços prestados no decorrer desses anos.

— * —

— DIA 30 — Na Matriz de São Paulo Apóstolo de Blumenau, e com lotação plena, realizou-se Missa em Ação de Graças pelos sessenta anos de Vida Sacerdotal de Frei Odorico Durieux, ofm. Frei Odorico, por mais de quarenta anos vem atendendo o Colégio Franciscano Santo Antônio e a Comunidade de Blumenau com assinalados serviços.

VOCÊ SABIA?

— QUE as atividades do Grupo de Escoteiros de Blumenau tiveram início no dia 13 de setembro de 1959? E que era orientado pelo Engº Gerd Leyen e que utilizava, inicialmente a sede do Clube Blumenauense de Caça e Tiro, a antiga, situada no bairro Bom Retiro? E que a iniciativa foi do Lions Clube de Blumenau?

— QUE Otto Wille, de grande popularidade em Blumenau pelo hábito de assobiar, era jornalista e escritor, tendo publicado, pela primeira vez, o Almanaque WILLI-KALENDER no ano de 1944, tendo esta publicação, em idioma alemão, alcançado notável popularidade durante mais de quinze anos, pela variada e interessante matéria que trazia a lume, especialmente ligada a fatos relacionados com a colonização e desenvolvimento sócio-econômico de Blumenau?

— QUE o sábio Fritz Müller, em carta dirigida, em 9 de setembro de 1868 a Charles Darwin, dizia que o inverno de 1866 em Blumenau foi extraordinariamente frio e que as jacutingas (Penelope Pipile), desceram das serras em número tão grande que, em poucas semanas, foram mortas cerca de 50.000 no Vale do Itajaí? — (como vemos, os caçadores já se faziam presentes, naqueles tempos).

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA